

Silézia Ferreira dos Santos



**EXPERIÊNCIAS NO ENSINO DAS ARTES VISUAIS NA INSTITUIÇÃO DE
LONGA PERMANÊNCIA PARA IDOSO – NOSSA VIVENDA
(Lagoa Santa - MG)**

Especialização em Ensino de Artes Visuais

Belo Horizonte
Escola de Belas Artes da UFMG
2015

Silézia Ferreira dos Santos

**EXPERIENCIAS NO ENSINO DAS ARTES VISUAIS NA INSTITUIÇÃO DE
LONGA PERMANENCIA PARA IDOSO – “NOSSA VIVENDA”
(Lagoa Santa - MG)**

Especialização em Ensino de Artes Visuais

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais do Programa de Pós-graduação em Artes da Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Ensino de Artes Visuais.

Orientadora: Prof^a.Dr^a.Mariana de Lima e Muniz

Belo Horizonte
Escola de Belas Artes da UFMG

2015

Santos, Silézia Ferreira dos, 1976
Experiências no Ensino das Artes Visuais na Instituição de Longa
Permanência Para Idoso – Nossa Vivenda (Lagoa Santa): Especialização
em Ensino de Artes Visuais / Silézia Ferreira dos Santos. – 2015.

47 f.

Orientador(a): Prof^a.Dr^a. Mariana de Lima e Muniz

Monografia apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Artes da
Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais, como
requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Ensino de
Artes Visuais.

1. Artes visuais – Estudo e ensino. I. Muniz, Mariana de Lima. II.
Universidade Federal de Minas Gerais. Escola de Belas Artes. III. Título.

CDD: 707



Universidade Federal de Minas Gerais
Escola de Belas Artes
Programa de Pós-Graduação em Artes
Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais

Monografia intitulada Experiências no Ensino das Artes Visuais na Instituição de Longa Permanência Para Idoso – Nossa Vivenda, de autoria de Silézia Ferreira dos Santos, aprovada pela banca examinadora constituída pelos seguintes professores:

Prof^a.Dr^a. Mariana de Lima e Muniz- Orientador

Prof. Dr. Maurílio Andrade Rocha -UFMG

Prof. Dr. Evandro José Lemos da Cunha
Coordenador do CEEAV
PPGA – EBA – UFMG

Belo Horizonte, 2015

Esse trabalho é dedicado a todos os idosos da Nossa Vivenda, ao meu avô Cecílio dos Santos Ribeiro (*in memoriam*) que durante a minha infância ensinou-me a importância de valorizar os ensinamentos dos 'velhos'.

AGRADECIMENTOS

Aos professores, aos tutores do polo de Confins, pela orientação e dedicação.

À minha querida filha Monice de Santos Morais, pelo incentivo, carinho e cumplicidade.

À Maristela Magalhães e Ilda Corad, minha sincera gratidão, por terem aberto as portas da Nossa Vivenda para que fosse possível a realização desse trabalho e aos funcionários pela cooperação.

À minha amiga Ana Luísa, pela força e incentivos.

Aos idosos, agradeço pelo grande aprendizado que tive durante nosso tempo de convivência e de vivências.

RESUMO

Essa monografia descreve e analisa os processos e metodologias aplicadas nas oficinas de Artes visuais (desenho, monotipias, colagens/esculturas e pintura), que aconteceram de 2006 a 2009, com participação de 20 idosos moradores e hóspedes da Instituição de Longa Permanência (ILP) Nossa Vivenda, localizada na cidade de Lagoa Santa – MG. Percebeu-se que em todas as oficinas, os alunos, durante as atividades e seu processo de criativo estabeleciam conexões com suas memórias/lembranças.

Palavras-chave: Arte. Velhice. Memória.

LISTA DE TABELAS

TABELA 1 – Dados dos sujeitos da pesquisa	20
---	----

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURA1 - Desenhos de traços	23
FIGURA 2 – Ilustração da palavra “sapo” por um dos idosos	23
FIGURA 3 - Casas e a igreja da “Nossa Vivenda”, feita pela idosa V.	24
FIGURA 4 – Lembranças da casa do idoso J.....	25
FIGURA 5 - monotipia do aluno C.....	26
FIGURA 6 - monotipias e interferência feita pelo aluno J.....	26
FIGURA 7 –colagens do aluno Z.	27
FIGURA 8 - colagens da aluna L. sobre monotipia.....	28
FIGURA 9 - Trabalho coletivo - guache escolar sobre madeira 120x90cm ...	29
FIGURA 10 - Pintura - guache escolar sobre madeira 40x30cm, pela aluna I.	30
FIGURA 11 - sequência de trabalhos aluno J.	34
FIGURA 12 – Trabalhos da aluna I.	35
FIGURA 13 – Desenhos da idosa V.....	36
FIGURA 14 - Desenho da aluna M.....	37

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
CAPITULO 1	12
PERCURSOS.....	12
1.1 Ensino da Arte	12
1.2 A velhice.....	13
1.3 A Memória	15
1.4 O aluno, o lugar, o educador.....	16
CAPITULO 2.....	19
RESUMO DOS PROCESSOS	19
2.1 A Instituição.....	19
2.2 O aluno	20
2.3 Processos das atividades.....	21
2.4 Desenhos	23
2.5 Monotipias	25
2.6 Colagens/esculturas	27
2.7 Pintura	28
CAPITULO 3.....	31
PONTOS RELEVANTES/ POSITIVOS/ NEGATIVOS	31
3.1 Nos momentos de interação	31
3.2 Nas monotipias/colagens/ esculturas	32
3.3 Na Pintura	33
3.4 Dos desenhos à pintura.....	34
3.4.1 <i>Apontamentos dos processos de alguns alunos</i>	34
3.4.1.1 Aluno J.	34
3.4.1.2 Aluna I.	35
3.4.1.3 Aluna V.	35
3.4.1.4 Aluna M.	36
CONSIDERAÇÕES FINAIS	38
REFERÊNCIAS.....	40
APÊNDICE 1 - Imagens	42

INTRODUÇÃO

O presente trabalho trata de um desdobramento da monografia do curso de Educação Artística feito pela Escola Guignard- UEMG/ MG, em 2008, em que foram pesquisados alunos idosos da Instituição de Longa Permanência para Idosos (ILPI), na cidade de Lagoa Santa -Nossa Vivenda. E que, em 2015, esse trabalho é retomado com o objetivo de ter um olhar mais detalhado para os processos, buscando fazer uma releitura dos trabalhos realizados nas oficinas de artes pelo veio da memória dos idosos.

No artigo 21 do Estatuto do Idoso (BRASIL, 2003, s.p.) é dito que: “O Poder Público criará oportunidades de acesso do idoso à educação, adequando currículos, metodologias e material didático aos programas educacionais a ele destinados.” Considera-se importante registrar, de forma acadêmica, essa experiência, tendo em vista que as Universidades possuem certa importância como fomentadoras de pesquisas que podem servir à sociedade e ao poder Público.

Nesse sentido, estudar formas de aplicações de métodos em Ensino das Artes Visuais abordando a memória do idoso torna-se importante nesse contexto, descrevendo essa aplicação e como o aluno idoso interagiu ao processo. Outro objetivo desse estudo foi descrever as experiências vividas durante as atividades de arte na instituição no período de 2006 a 2009, com a participação de 20 alunos, buscando descrever o processo de aprendizado nas atividades de desenho, monotipia, de colagens/escultura e de pintura.

Contudo, faz-se mister conhecer o aluno idoso e suas características, entendendo suas especificidades, os cuidados especiais devido às suas dificuldades cognitivas e limitações físicas, tais como: locomoção, audição, tato e raciocínio.

Para tanto, foram usadas, como fonte de referência teórica sobre os assuntos: memória, velhice e ILP (asilo), as autoras Simone de Beauvoir e Ecléa Bosi, Guita Grin Debret, Robert Kastenbaum, e também artigos acadêmicos e documentos oficiais, com intuito de levantar informações para compreender algumas das características dos sujeitos e do local no qual estão inseridos.

A metodologia de pesquisa usada foi predominantemente exploratória usando recursos de registros fotográficos dos trabalhos, depoimentos,

observações e questionários. Com objetivo de apontar as impressões e os resultados dos alunos sobre seus trabalhos, colher dados imagens que mostrasse algum tipo de evolução,aprendizado e as conexões entre os trabalhos produzidos nas oficinas e as memória do educando.

Sendo assim, o primeiro capítulo trata de apresentar a importância da valorização da memória do idoso, principalmente observando as características da fase da velhice e a relação desse sujeito com as atividades de artes.

O segundo capítulo trata dos processos, como foram conduzidas as atividades de desenhos monotipias, colagens/esculturas, pintura e outras, tais como: contação de causos, brincadeiras de rodas, danças, buscando descrever, dentro das atividades, o regaste das memórias dos alunos.

O terceiro capítulo analisa os pontos mais relevantes da pesquisa, abordando os pontos positivos e negativos e pontuando sobre a valorização da memória do idoso por meio das atividades artísticas e seus resultados.

Finalizando, encontram-se, seguidos a esse capítulo, as referências e o apêndice desse trabalho.

CAPITULO 1

PERCURSOS

Para pesquisar sobre o Ensino das Artes com o idoso morador de Instituição de Longa Permanência (ILP) na cidade de Lagoa Santa, foi necessário pesquisar sobre os temas: velhice e memória. Sondar qual a relação dos dois temas com as perspectivas de se trabalhar o Ensino das Artes e, assim, criar métodos de aulas que pudessem promover ao aluno um exercício à criatividade, acesso à educação e valorização de suas memórias.

1.1 Ensino da Arte

Durante as vivências em artes, foram levadas em consideração as dificuldades cognitivas e motoras desse aluno e seu meio social, ou seja, o local em que ele estava inserido, e assim, respeitando o tempo de aprendizado e o processo de evolução durante as oficinas realizadas.

Em relação ao Ensino das Artes Visuais, este foi pensado dentro da ideia da “Pedagogia Nova”, a qual é mais comumente conhecida como “Movimento da Escola Nova”, essa aconteceu no Brasil por volta da década de 30. Dentre as características dessa prática, estavam presentes a valorização, por parte do professor, da espontaneidade e da individualidade do educando. De acordo com Ferraz e Fusari (2009, p.46) o ensino da arte consistia,

Em síntese, na pedagogia Nova, o ensino e a aprendizagem de arte referem-se às experimentações artísticas, inventividade e ao conhecimento de si próprio, concentrando-se na figura do aluno e na aquisição de saberes vinculados à sua realidade e diversidade individual. Essa mudança de foco foi muito importante, pois colocou ênfase no educando – ou ser que aprende - e não apenas no conhecimento.

As atividades com esse pensamento de valorizar a livre expressão (liberdade de se expressar), e a espontaneidade do educando nos ensino das artes, se deu na Escolinha de Arte do Brasil, localizada no Rio de Janeiro, em 1948, liderada por Augusto Rodrigues, que tinha um perfil de Ensino das Artes fora da Escola. E um dos trechos de depoimento de uma das colaboradoras da instituição mostra esse perfil de liberdade e valorização do educando:

Considerando as atividades artísticas-livres, não impostas pelo educador, encontra a criança, como no jogo, uma válvula de escape para suas energias, descargas para suas emoções e meio legal para expressar seus sentimentos, quaisquer que fossem eles do ponto de vista social e moral. As atividades artísticas permitem à criança viver sua vida, realizar seus sonhos e ambições, compensar suas deficiências físicas [...] (BRASIL, 1982, p. 20).

Dentro desta ideia, foi criada, então, uma sequência de atividades artísticas, começando pelos desenhos, monotipia, colagens/escultura e pintura. Para que os alunos fossem desenvolvendo seus trabalhos de forma livre e espontânea, e assim, gradativamente, pudesse fazer conexões/percepções diante daquilo que estavam produzindo. A pesquisadora optou por esse tipo de prática pedagógica após observar algumas das especificidades dos sujeitos em questão, entre elas, os assuntos velhice e memória.

1.2 A velhice

Usando meios de consultas como dicionários, ao pesquisar a palavra velhice obtém-se o seguinte resultado: “1.estado ou condição de velho, 2.idade avançada, que se segue à idade madura; ancianidade”. (HOLANDA, 2015, s.p.). Partindo desse princípio, a palavra “velho” significa que o indivíduo se encontra na fase da velhice. Sendo assim, este presente trabalho faz algumas observações sobre o sujeito que se encontra nesta fase. Portanto, entende-se, para fins desse trabalho, que quando houver referência à palavra “velho”, essa será sempre utilizada de forma respeitosa para discorrer sobre os sujeitos, porém, será usada preferencialmente a palavra idoso e/ou aluno.

Tocante ao Poder Público, com criação do Estatuto do Idoso, pode-se inferir que, para o Estado, é considerado que a velhice começa aos 60 anos. Assim, o sujeito que se encontra nesta fase pode ser entendido como idoso, conforme preconiza o documento, afirmando que:

Art. 1º É instituído o Estatuto do Idoso, destinado a regular os direitos assegurados às pessoas com idade igual ou superior a 60 (sessenta) anos.

Art. 2º O idoso goza de todos os direitos fundamentais inerentes à pessoa humana, sem prejuízo da proteção integral de que trata esta Lei, assegurando-se-lhe, por lei ou por outros meios, todas as oportunidades e

facilidades, para preservação de sua saúde física e mental e seu aperfeiçoamento moral, intelectual, espiritual e social, em condições de liberdade e dignidade. (BRASIL, 2003, s.p.).

Embora para muitos pesquisadores seja difícil definir com precisão o que seja a velhice, ela pode ser biológica, cronologia, cultural e até mesmo algo sentido pelo indivíduo. De acordo Beauvoir (1990, p.20-34), “[...] a velhice não poderia ser compreendida senão em sua totalidade; ela não é só um fato biológico, mas também um fato cultural”. Em outro trecho, a autora complementa o sentido biológico: “a aparência do indivíduo se transforma e permite que se possa atribuir-lhe uma idade, sem muita margem de erro. Os cabelos embranquecem e se tornam rarefeitos; [...] os dentes caem”.

Tocante ao sentir a velhice, Debret (2004, p.94) diz que, na Inglaterra, “os idosos que não estão doentes ou emocionalmente deprimidos, pois não se consideram velhos. Não é o avanço da idade que marca as etapas mais significativas da vida; a velhice é, antes, um processo contínuo de reconstruções.”

O envelhecimento pode ser, também, considerado como um processo contínuo que pode estar associado ao declínio biológico e às atividades sociais. Para tanto, Bosi aponta que:

A velhice, que é fator natural como a cor da pele, é tomada preconceituosamente pelo outro, Há, no transcorrer da vida, momentos de crise de identificação: na adolescência também nossa imagem se quebra, mas o adolescente vive um período de transição, não de declínio. O velho sente-se um indivíduo diminuído, que luta para continuar sendo um homem. (BOSI, 1994, p.79).

De outra forma, Debret (2004, p.14) fala que há uma tendência contemporânea de rever os estereótipos do envelhecimento que trazem essas ideias de sofrimentos e substituí-los por momentos propícios para realizações de antigos projetos e de novas conquistas, sobre o olhar do prazer e da satisfação pessoal.

A Organização Mundial de Saúde entende que o envelhecimento da população é um prêmio a ser celebrado, mas também significa grandes desafios. Para a Organização:

O envelhecimento da população é um dos maiores triunfos da humanidade e também um dos nossos grandes desafios. Ao entrarmos no século XXI, o

envelhecimento global causará um aumento das demandas sociais e econômicas em todo o mundo. No entanto, as pessoas da 3ª idade são, geralmente, ignoradas como recurso quando, na verdade, constituem recurso importante para a estrutura das nossas sociedades. (BRASIL, 2004, p.14).

Diante desse cenário de que o envelhecimento está sendo discutido, pode ser importante que hajam pesquisas relacionadas às atividades de arte com os sujeitos que se encontram nesta fase da vida, com os objetivos de estimular a educação, a criatividade, a preservação de suas memórias e fomentar trocas de conhecimentos e saberes às outras gerações.

1.3 A Memória

Entre os vários significados da palavra memória, Este trabalho permeará a memória como passado, lembranças, história de vida dos sujeitos e como um tipo de conhecimento que pode ser transmitido. Para tanto, Beauvoir (1990, p.445) diz que “Há na lembrança uma espécie de magia à qual somos sensíveis em qualquer idade”.

Para Bosi (1994, p.55) “Na maior parte das vezes, lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar com imagens e ideias de hoje, as experiências do passado. A memória não é sonho, é trabalho”.

Além disso, a memória no sentido de passado também pode ser uma reconstrução do conhecimento dos saberes dos sujeitos. Nesse sentido, Beauvoir (1990, p.455) complementa que, “na verdade, é o passado que nos sustenta. É através do que ele fez de nós que o conhecemos”. Sendo assim, percebe-se a importância do passado no momento do agora para o idoso. Pode-se auferir, portanto, que ao lembrar de sua história, o indivíduo pode produzir conhecimento para si e para outrem.

O autor Kastenbaum (1981, p.48) diz que:

Quando demonstramos interesse pelo passado de uma pessoa idosa podemos ser-lhe útil de diversos modos. A oportunidade de ventilar suas experiências lhe torna mais fácil desenvolver uma nova perspectiva de tais experiências. O processo de comentar o passado com outrem torna-a capaz de ser mais objetiva: ela pode regredir no tempo e ter uma nova visão das experiências que lhe foram tão íntimas.

Também nesse sentido, ao pensar sobre a memória como possibilidade de transmissão de conhecimento, o Estatuto do Idoso (BRASIL, 2003, s.p.), em seu Art. 20, § 2º, diz que: “Os idosos participarão das comemorações de caráter cívico ou cultural, para transmissão de conhecimentos e vivências às demais gerações, no sentido da preservação da memória e da identidade culturais”. Para tanto, enfatiza Bosi (1994, p.63) que:

Há momento em que o homem maduro deixa de ser um membro ativo da sociedade, deixa de um propulsor da vida presente do seu grupo: neste momento de velhice social resta-lhe, no entanto, uma função própria: a de lembrar. A de ser a memória da família, do grupo, da instituição, da sociedade.

Portanto, pode-se considerar interessante que sejam pensadas, para esses sujeitos, atividades que também estejam ligadas à valorização da memória e a transmissão de seus saberes às gerações mais jovens, e, também, a importância de cumprir o que foi disposto no art. 21 do Estatuto do Idoso (BRASIL, 2003, s.p.), o qual afirma que: “O Poder Público criará oportunidades de acesso do idoso à educação, adequando currículos, metodologias e material didático aos programas educacionais a ele destinados.”

1.4 O aluno, o lugar, o educador

O educando desta pesquisa, além de ser aluno idoso, também se encontra em um lugar institucionalizado, ou seja, um lugar com certas especificidades. Portanto, na aplicação de qualquer metodologia, é importante refletir sobre as especificidades do aluno: suas capacidades, habilidades, aptidões e o ambiente no qual está inserido. Beauvoir (1990) resume algumas das características do idoso, sendo muitas dessas observadas nos alunos da instituição em que foi feita a pesquisa. Para ela:

Que a ausência de curiosidade do velho e seu desinteresse são reforçados por seu estado biológico. Prestar a atenção ao mundo o fadiga. Muitas vezes ele não tem mais força para afirmar nem mesmo os valores haviam dado sentido a sua vida e a indiferença intelectual e afetiva do homem idoso pode reduzi-lo a inércia.(BEAUVOIR, 1990, p.555).

Bosi (1994, p.79) complementa as palavras de Beauvoir, afirmando que: “O coeficiente de adversidade das coisas cresce: as escadas ficam mais duras de

subir, as distâncias mais longas de percorrer [...] O mundo fica eriçado de ameaças, de ciladas”.

Além disso, o estado biológico do idoso, como afirmaram as autoras anteriormente, pode lhes acarretar algumas inseguranças, nervosismos e ansiedades, mas isso não deve impedir que eles participem de atividades educacionais.

Outro desafio a ser transposto para o educador é entender algumas características do lugar. Segundo a resolução do Ministério da Saúde, ILPI é definido como:

Instituições de Longa Permanência para Idosos (ILPI) - instituições governamentais ou não governamentais, de caráter residencial, destinada a domicílio coletivo de pessoas com idade igual ou superior a 60 anos, com ou sem suporte familiar, em condição de liberdade e dignidade e cidadania.” (BRASIL, 2005, s.p.)

E o decreto inicial colocava que:

Entende-se por modalidade asilar o atendimento, em regime de internato, ao idoso sem vínculo familiar ou sem condições de prover à própria subsistência de modo a satisfazer as suas necessidades de moradia, alimentação, saúde e convivência social. Parágrafo único. A assistência na modalidade asilar ocorre no caso da inexistência do grupo familiar, abandono, carência de recursos financeiros próprios ou da própria família. (BRASIL, 1996, s.p.).

No entanto, Souza (2003) descreve a realidade dessas instituições e do indivíduo que se encontra inserido nela. Para ele:

Como um mal necessário, o asilo é a instância encarregada de acolher a face rejeitada do idoso e dentro da medida do possível, reestruturá-lo, oferecendo, pelo menos em parte, aquilo que a sociedade lhe negou. Evidentemente que uma enorme carga de dor e sofrimento acompanha aqueles que se encontram na condição de internos, pois ter o asilo como último refúgio significa habitar em um universo paralelo, com um tipo de socialização alternativa, que só em pontos determinados e situações bem específicas se toca com o mundo que lhe é exterior. Nesse ambiente artificial e excludente, o interno precisará reconstruir seu mundo de relações sobre novas bases, onde os valores, as possibilidades e perspectivas que antes possuía têm significados substancialmente diferentes e precisam ser reinventados. (SOUZA, 2003, p.18)¹.

1SOUZA, Jaime Luiz Cunha de. **Idoso institucionalizado**: observações em um asilo público em Belém do Pará. 2003. Disponível em: http://www.sbsociologia.com.br/portal/index.php?option=com_docman&task=doc_download&gid=979&Itemid=171. Acesso em: 12 nov. 2015.

Diante desse lugar de “angústias” onde esse aluno precisa reinventar significados, reconstruir relações com o espaço e com o colega, pode ser importante o Ensino das Artes. Neste sentido, o educador precisa ser sensível e paciente para que, no processo de aprendizagem, o aluno possa desenvolver relações consigo próprio e com o outro, perceber, de forma diferenciada, seu espaço e sua realidade. Dentro desse raciocínio, Barbosa (2003, p.18) diz que:

[...] por meio da Arte, é possível desenvolver a percepção e a imaginação, apreender a realidade do meio ambiente, desenvolver a capacidade crítica, permitindo ao indivíduo analisar a realidade percebida e desenvolver a criatividade de maneira a mudar a realidade que foi analisada.

Sendo assim, é importante que o arte/educador perceba, nestes espaços fora da escola, lugares com grande potencial de pesquisa e oportunidades de criar novas metodologias. E, assim, sejam capazes de estimular o aluno a experimentar o Ensino de Artes.

CAPITULO 2

RESUMO DOS PROCESSOS

O presente trabalho trata de um desdobramento da monografia do curso de Educação Artística feito pela Escola Guignard- UEMG/ MG, em 2008, em que foram pesquisados alunos idosos da Instituição de Longa Permanência para Idosos (ILPI), na cidade de Lagoa Santa - Nossa Vivenda. E neste momento de 2015, esse trabalho é retomado com o objetivo de ter um olhar mais detalhado para os processos e fazendo uma releitura dos trabalhos realizados nas oficinas de artes pelo veio da memória dos idosos.

Os encontros aconteceram nos anos 2006 a 2009. No início dos trabalhos, tratava-se de uma oficina por semana, que depois de seis meses aproximadamente, passaram a ser duas vezes na semana. O estudo foi realizado com vinte alunos com idades entre 55 a 75 anos. As atividades realizadas foram de desenhos, monotipias, colagens/ esculturas, pintura. Também houve experimentações com dança, contação de causos e brincadeiras antigas. Estas foram vivenciadas no intuito de valorizar a memória do idoso e suas vivências, e também serviram como importantes auxiliadoras para se chegar ao Ensino das Artes Visuais.

Essa retomada dos trabalhos e observações realizadas naquele período tiveram, como objetivo, a apreensão de um olhar mais detalhado para os processos, buscando uma releitura dos trabalhos realizados nas oficinas de artes pelo veio da memória dos idosos.

2.1 A Instituição

A instituição “Nossa Vivenda” possuía uma área de 10 mil metros quadrados, arborizada, com praças, jardins, um lago, uma capela, uma horta orgânica. Para acomodações, constavam três pavilhões, sendo um particular e dois filantrópicos. Possuía um galpão de festas, consultório odontológico com aparelho de raio-X, que atendia aos hóspedes e à população carente da região, uma lavanderia industrial e 2 veículos para o transporte dos hóspedes às

consultas médicas, além de uma ambulância para emergências que atendia também à comunidade.

Segundo informações da própria Instituição, ela foi criada em 13 de setembro de 1978, com os objetivos e princípios de promover a preservação dos vínculos familiares do idoso, humanização, carinho, respeito aos direitos do idoso, entre outros.

Para funcionamento e atendimento aos idosos, havia 40 funcionários, tais como: cuidadores, técnicos em enfermagem, fisioterapeuta, psicólogo, fonoaudiólogo, médico e dentistas.

Na época, segundo informações da instituição, era considerada filantrópica e mantida por ajuda de voluntários de forma financeira ou que doavam tempo para conversar, rezar e dar carinho aos idosos.

2.2 O aluno

Segundo também dados fornecidos pela Instituição, na época em que foi feita a pesquisa, havia 76 hóspedes com a idade de 55 até 100 anos e uma parte deles morava na instituição, enquanto outros ficavam no lugar temporariamente. Esses últimos eram hóspedes do pavilhão particular. Outra característica importante é que muitos deles possuíam algum tipo de deficiência, podendo ser visual, auditiva, cognitiva, motora e outros ficavam em leitos. Na tabela abaixo, um resumo de dados colhidos na época pesquisa.

Tabela 1 – Dados dos sujeitos da pesquisa

Nº de Homens	40
Nº de Mulheres	36
Nº de idosos no leito	16
Deficiência motora parcial	45
Visual total	02
Surdez total	01

Fonte: Dados da pesquisa.

Com relação a essas características, Beauvoir (1990, p.37) pontua que: “Há uma relação de reciprocidade entre a velhice e a doença; esta última acelera a senilidade e a idade avançada predispõe a perturbações patológicas”.

Apesar das limitações físicas, porém, ressalta-se que foi percebida, no idoso desse lugar, uma boa aceitação às atividades de arte, devido ao extenso período de ócio e uma carência desse tipo de atividade ligada à Educação.

2.3 Processos das atividades

Os processos dessas aulas começaram de forma gradativa e lenta. As primeiras etapas de trabalho foram observar o ambiente, ouvir dos funcionários quais eram os cuidados especiais que seriam necessários durante as aulas, que tipos de materiais poderiam ser usados, enfim, saber as características desse aluno.

Outra etapa seguinte foi fazer uma pequena socialização com os alunos, visitando pavilhões femininos e masculinos e conhecendo os que estavam nos leitos, conversar um pouco com os idosos, saber sobre o que eles gostavam ou conheciam relacionados com as artes.

Antes de começar as oficinas de artes visuais, foram feitas rodas de conversas e de contação de causos, momentos de ouvir e dançar músicas folclóricas, e fazer regates de brincadeiras antigas. Inicialmente, esse momento foi feito com intuito de facilitar a socialização entre eles, porém, com o tempo, foi percebido que esse tipo de atividade tinha uma importância para os resgates da memória e, também, inseria o idoso que não gostava das atividades de artes visuais no grupo de forma participativa. Uma das cantigas mais cantadas era:

Cantigas de Sabiá

Xô meu sabiá, Xô meu zabelê
Toda Madrugada eu sonho com você
Se você não acredita eu vou sonhar pra você ver

No sertão de Pirapora
Zabelê piou chorando
Ai, Zabelê!
Saudade tá me matando
São os olhos de Maria

Que me fez piar chorando [...]²

As oficinas de artes visuais começaram com uma sequência de atividades, iniciando pelos desenhos, monotípias, colagens/esculturas e pintura. Após a experimentação de todas as atividades artísticas, as oficinas passaram a ser mistas, ou seja, eram colocados os materiais para pintura, desenho e colagens, e cada aluno fazia um trabalho de acordo com aquela atividade que mais se identificava.

Todos os trabalhos foram realizados pelos alunos de forma livre e espontânea e sem regras, não sendo possível ensinar técnicas de desenhos e pintura, pois a maioria dos alunos tinha algum tipo de deficiência oriundas da fase da velhice, e, portanto, tais técnicas poderiam não contribuir para a proposta de das oficinas e causar desânimo ou desmotivação nos idosos.

Também durante a pesquisa foram feitos alguns passeios, dentre eles uma visita ao museu de Artes e Ofícios localizado na Praça da Estação, na Cidade de Belo Horizonte. Este museu foi escolhido por ter uma relação com a memória das profissões. Durante a visita, optou-se por não desenvolver nenhum tipo de atividade no local, para que os alunos ficassem à vontade para observar cada objeto e construir as suas próprias relações e conexões. Após a visita, cada aluno desenhou objetos, tais com: fogão a lenha, bule de café e fizeram relações com suas memórias, com suas vidas e com a religiosidade.

Além disso, em outro momento, houve um experimento em que foram levados livros e imagens das obras de Leonardo da Vinci, Monet, Cezanne, Picasso, entre outros, no intuito de começarem um trabalho de observações de imagens ligadas à História da Arte. Alguns desses artistas eram conhecidos por eles, como exemplo de Da Vinci e Picasso, mas Cézanne e Monet foram levados para que fossem apreciadas as cores, as formas. Observou-se que alguns idosos ficavam olhando as imagens, apreciando as cores, as formas e tiveram curiosidades de saber sobre os artistas, mas não queriam desenhar. No entanto, outros que participavam das aulas de desenhos pararam de produzir, pois começaram a fazer comparações e sentir que seus desenhos estavam “feios”. Esse foi ponto importante para repensar a forma de trabalhar com o aluno em

² VALE, Rubinho do. **Cantigas de sabiá**. [s.d.]. Disponível em: <http://www.vagalume.com.br/rubinho-do-vale/cantigas-de-sabia.html>. Acesso em: 12 dez. 2015.

questão. A partir desse entendimento, portanto, e baseado nesta experiência inicial, optou-se em trabalhar a livre expressão.

2.4 Desenhos

Após a socialização, foi observado que eles gostavam de música, de dançar forró, de cantiga de roda, brincadeiras antigas e contação de causos. E, sendo assim, todos os dias de aula, era preparada uma mesa com materiais para aula de desenho. Então, era colocada música e os idosos começavam a dançar. O interesse pelo desenho surgiu aproximadamente depois de dois meses dessas atividades.

Os desenhos eram livres e sem regras, qualquer traço ou ponto era valorizado. Os primeiros desenhos surgiram com a grafia de palavras, por meio das quais os alunos começavam a escrever no papel o nome (FIGURA 1):

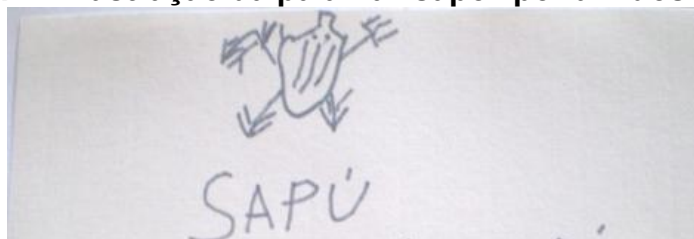
Figura1 - Desenhos de traços



Fonte: Dados da pesquisa.

Um tempo após ficarem trabalhando com traços, os alunos se sentiram motivados a enfeitar o nome e as palavras as quais escreviam, conforme ilustrado abaixo:

Figura 2 – Ilustração da palavra “sapo” por um dos idosos



Fonte: Dados da pesquisa.

Os idosos ficaram desenhando por várias aulas e foram surgindo outros alunos interessados. Os alunos faziam vários desenhos, contavam estórias e, assim, a turma da começou a se formar.

Após experimentar levar alguns livros de história da Arte para as atividades, como dito anteriormente, foi percebido que os alunos ficaram com receio de desenhar por entenderem seus desenhos “como feios”. Para reverter essa situação, percebeu-se a necessidade de pesquisar um meio de motivá-los a voltar a desenhar, sendo, então, pensada uma aula com participação de crianças, filhos de funcionários. Verificou-se que houve um bom resultado da proposta e, com isso, as atividades com participação de crianças passaram a ser feitas com certa frequência, com a intenção de incentivá-los a voltar às atividades.

Depois de algum tempo, foram introduzidas as aulas de desenho com temas, sendo criado o projeto de atividades “Desenhando na Nossa Vivenda”, com a escolha do tema feita pelos próprios alunos, sendo escolhido como tema: a casa.

Dentro dessa proposta, muitos fizeram os desenhos de casas, sendo essas as casas que moravam no passado ou outros que desenharam a sua casa atual. Entre eles, estão os trabalhos dos alunos: V., que desenhou sua antiga casa e a capela da Nossa Vivenda.

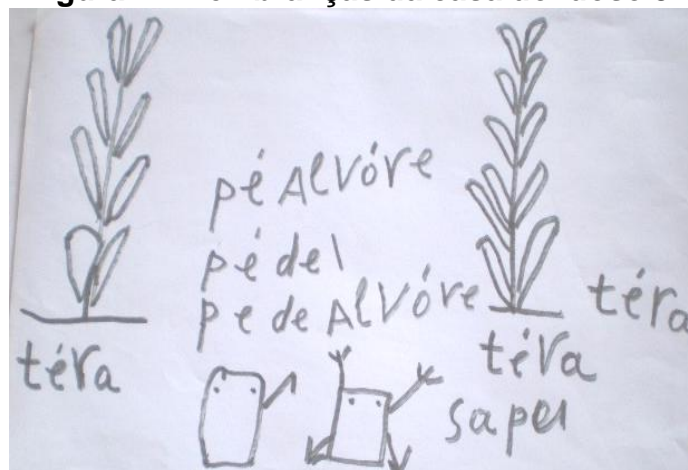
Figura 3 - Casas e a igreja da “Nossa Vivenda”, feita pela idosa V.



Fonte: Dados da pesquisa.

O aluno J. desenhou as árvores e sapos que tinham na sua casa, e lembrou-se de sua infância e dos sons dos sapos a coaxar no quintal (FIGURA 4).

Figura 4 – Lembranças da casa do idoso J.



Fonte: Dados da pesquisa.

2.5 Monotipias

Em resumo, a monotipia, segundo Pimentel e Maduro (2007, p.47), é uma técnica de gravura com cópia única que requer um mínimo de equipamentos e recursos técnicos muito simples. Como sustentação de imagem, podem ser usados vários materiais, sendo o mais utilizado o papel, tendo como suporte o vidro, o metal ou fórmica, e as tintas utilizadas: óleo, tipografia e outras.

Para trabalhar com alunos da instituição, foram aplicadas a monotipia marmorizada com adaptações, colocando-se sobre uma mesa de vidro um pouco de água, formado uma película bem fina na superfície do vidro, gotejadas tintas guache de varias cores e depois colocou-se o papel branco sobre a superfície com tinta e foi retirada a imagem abstrata. Também, junto às monotipias, foram feitas técnicas de carimbo nas quais foi necessário pressionar as folhas das árvores nas tintas e carimbar sobre o papel branco, produzindo a imagem. Foram várias aulas fazendo monotipias e carimbos, sendo produzidas, aproximadamente, 200 monotipias. Com base na observação, essa grande produção de monotipias se deu por se tratar de uma técnica de fácil execução, de resultados rápidos e de aparência ‘bela”, levando os alunos a perceberem as cores e as formas.

Após essa produção das monotipias, foi iniciado um trabalho de apreciação daquilo que havia sido feito, estimulando-os a apreciar as cores e as composições

não figurativas e figurativas. O resultado foi um exercício da imaginação, por meio do qual os idosos buscavam, nas manchas, imagens que eram associadas às suas lembranças (FIGURA 5). Neste sentido, Pimentel (1991, p.7) diz que, “A Arte é a forma integradora de sentir/perceber o mundo, o real. De sentir /perceber o imaginário, a fantasias”.

Figura 5 - monotipia do aluno C.



Fonte: Dados da pesquisa.

Já nas aulas seguintes, foram sugeridas interferências nas monotipias usando desenhos, colagens com outros materiais para exercitar a criatividade. Alguns fizeram interferências nas monotipias, como exemplo do aluno J na figura 6, mas outros diziam “Não vou estragar o desenho³, ele ficou bonito”, como no caso do aluno C., que não fez nenhuma interferência na monotipia anteriormente realizada.

Figura 6 - monotipias e interferência feita pelo aluno J.



Fonte: Dados da pesquisa

³ Desenho aqui que o idoso se refere diz respeito à monotipia realizada por ele no encontro anterior.

2.6 Colagens/esculturas

Essa técnica utilizada se resume em produzir imagens bidimensionais ou objetos tridimensionais usando recortes de revistas, papel, caixa de papelão, cola, tintas e materiais diversos. A intenção desta aula foi colocá-los em contato com várias imagens e montar composições utilizando outros materiais.

Nestas aulas, houve poucos trabalhos usando o tridimensional, mas os trabalhos com bidimensional foram produtivos. Na época, foi levada argila, mas eles não quiseram experimentar o barro. Durante as aulas de colagens, foram colocados livros de História da Arte e revistas e outros livros para que fossem apreciadas as obras e para que os alunos pudessem ter contato com vários tipos de imagens. Nas oficinas, havia alunos que não participavam fazendo as atividades de pintura ou desenho, mas gostavam de ler, ouvir músicas ou ficar contando causos, o que também tinha importância dentro da proposta das atividades. Neste sentido, foi observado que, durante esse tempo, esses idosos faziam resgates de memórias, o que favorecia trocas de conhecimentos entre eles.

Aluno Z. lembrou de sua casa e a produziu, na forma de escultura, utilizando papel, massa corrida e tinta (FIGURA 7)

Figura 7 –colagens do aluno Z.



Fonte: Dados da pesquisa.

Já a aluna L. fez interferência em seu desenho fazendo colagens de lã sobre o papel (FIGURA 8).

Figura 8 - colagens da aluna L. sobre monotipia



Fonte: Dados da pesquisa.

2.7 Pintura

O primeiro contato com pintura aconteceu de forma interativa. Foi colocada música e criado um momento de interação. A proposta foi pintar um quadro coletivo de tamanho 120x 90 cm usando tinta guache. Ao iniciar a tarefa, foi falado que eles iriam desenhar usando tinta e pincel, pois a palavra “pintura” poderia soar como algo difícil, já que foi observado no aluno deste lugar uma certa dificuldade em iniciar tarefas novas, conforme já havia preconizado Beauvoir (1990, p. 284), quando coloca que: “o que é difícil para as pessoas idosas [...] é iniciar-se em tarefas novas.” Neste sentido, observou-se ser realmente comum o medo dos idosos em iniciar novas tarefas. Contudo, pode-se auferir que isso não quer dizer que idoso seja incapaz de aprender tarefas novas. Contudo, algumas vezes, os idosos são afetados por dificuldades motoras ou cognitivas em consequência do estado de saúde, podendo lhes causar certos desânimos. Sendo assim, é importante que o educador esteja preparado para ajudar esse aluno de forma mais diferenciada. Portanto, pintar, para eles, se resumia em cobrir todo o suporte utilizando a tinta e depois do trabalho pronto, foi explicado sobre a pintura.

Ressalta-se que no momento dessa atividade, foi observado que, entre os alunos, havia respeito ao espaço do outro, cada um tinha seu “cantinho” no quadro, não fazendo alterações no desenho do colega, havendo uma união entre eles, inclusive elogiando o trabalho do outro.

Após a realização do trabalho (FIGURA 9), houve um tempo para apreciarem as formas, as cores, e como o trabalho foi feito. Logo depois, de forma bem espontânea, os idosos começaram a fazer conexões entre as imagens do trabalho com as lembranças da infância. Alguns fizeram associações com imagens de livros de História da Arte que viram em oficinas anteriores, lembraram de Picasso e das cores de Van Gogh.

Figura 9 - Trabalho coletivo - guache escolar sobre madeira 120x90cm



Fonte: Dados da pesquisa.

De modo geral, as oficinas seguiram com a produção dos trabalhos e, uma vez por mês, era montada uma exposição dos trabalhos, sendo esse o momento de ver o que havia sido feito e discutir sobre as atividades. Neste período em que foram feitas as atividades de pintura, havia alguns alunos que se identificavam tanto com a técnica que em todas as vivências só queriam pintar, como o exemplo da aluna I., que executou pintura mostrada na figura 10, abaixo:

Figura 10 - Pintura - guache escolar sobre madeira 40x30cm, pela aluna I.



Fonte: Dados da pesquisa.

No final das aulas, em 2008, foram colhidos depoimentos e aplicado um pequeno questionário com a intenção de entender a percepção do aluno diante das atividades e avaliar o processo de evolução do aluno, o que será discutido no capítulo seguinte.

CAPITULO 3

PONTOS RELEVANTES/ POSITIVOS/ NEGATIVOS

3.1 Nos momentos de interação

Como já explicitado, na pesquisa com os alunos da instituição “Nossa Vivenda”, foi criada uma sequência de atividades artísticas, para que os alunos fossem desenvolvendo, gradativamente, suas percepções diante daquilo que estava sendo feito, para que essa construção fosse feita de forma livre e espontânea.

Na primeira etapa da pesquisa, foi necessário, para socialização, o uso músicas folclóricas, contação de causos, dança e brincadeiras de roda. Este processo pode ser considerado importante para o avanço das demais atividades, pois foi sentida a necessidade de exercitar a percepção e a criatividade. Segundo Bosi (1994, p.83), “hoje, fala-se em criatividade [...] mas, onde estão as brincadeiras, os jogos, os cantos e danças de outrora? Nas lembranças de velhos elas aparecem e nos surpreendem pela sua riqueza.”

Nesse sentido, corroborando com Bosi, Pimentel (1991) comenta a necessidade de:

Sentir o corpo/corpo
Sentir a forma
Sentir cor
Sentir o movimento
Sentir o som
Sentir
Arte é a forma integradora de sentir/perceber o mundo, o real. De sentir/perceber o imaginário, a fantasia. (PIMENTEL,1991,p.7).

Esse processo inicial foi importante para despertar a interação com o espaço, as relações com os colegas, para criar momentos de regates e valorização da memória. O exercício de percepções e de lembranças trouxe um despertar da criatividade. E essas atividades trouxeram de volta lembranças da infância, das brincadeiras, o que era transmitido para os trabalhos, conforme o depoimento do aluno Z.

Moro aqui desde 1986, é a primeira vez que temos essas atividades de arte. É bom para passar o tempo, estamos fazendo alguma coisa e isso é

importante, agente lembra as coisas do tempo de criança e passa para o papel. (Z. Morador da “Nossa vivenda”).

Outro ponto positivo do processo foi quando foram colocadas crianças para participarem das oficinas com os alunos. Essa prática, além de trazer um benefício para o aluno em questão, promoveu uma troca de vivências entre as gerações: idosos e crianças. E isso pode ser entendido, de certa forma, no código do idoso, em seu Art. 20, § 2º, quando é colocado que: “Os idosos participarão das comemorações de caráter cívico ou cultural, para transmissão de conhecimentos e vivências às demais gerações, no sentido da preservação da memória e da identidade culturais”. (BRASIL, 2003, s.p.). Dessa forma e diante do exposto, entende-se que há trocas entre essas gerações principalmente quando se trata dos saberes na forma de contação de causos, brincadeiras infantis, cantiga de roda e histórias, e que podem ser passados por meio da oralidade enquanto fazem as atividades artísticas.

Além disso, nesse mesmo código, em seu art. 21, é dito que: “O Poder Público criará oportunidades de acesso do idoso à educação, adequando currículos, metodologias e material didático aos programas educacionais a ele destinados”. (BRASIL, 2003, s.p.). dessa maneira, enfatiza-se que outro fato relevante foi o registro dessas vivências em arte, pois essas podem servir de pesquisa para que outras metodologias possam vir a serem criadas, no intuito de aproximar o aluno/idoso às atividades educacionais e artísticas.

3.2 Nas monotipias/colagens/ esculturas

Conforme descrito no processo do capítulo anterior, o trabalho com as monotipias também foi interessante, já que, por meio delas, os alunos tiveram em contato com formas não figurativas e, assim, puderam perceber as cores, as formas, as misturas e as associavam às lembranças.

Nas atividades em que foram colocados livros de História da Arte para que eles comesçassem a ter contato com imagens variadas, houve três pontos importantes. O primeiro deles foi pensar sobre a importância de mediar a informação através dos conteúdos das imagens para aqueles que não gostavam de fazer atividades artísticas, mas gostavam de ler e conhecer sobre o assunto. Segundo ponto foi como fazer com que essas mesmas imagens não trouxessem

autocrítica e desmotivação para aqueles que já participam na produção de trabalhos nas oficinas. O terceiro ponto foi a necessidade de reestruturação das oficinas pela pesquisadora, a fim de repensar um novo método a ser aplicado. Para este caso, com o aluno em questão, os livros de Artes e imagens continuaram nas oficinas em momentos oportunos. O método utilizado, para evitar esse desestímulo foi levar o alunos a desenvolverem seu potencial criativo através de atividades mais livres e espontâneas para que, com suas lembranças, as informações ali adquiridas pudessem ser tramitadas através das atividades de Arte. Destarte, pode-se inferir que o contato com as cores, formas e com as imagens, preparou a sensibilidade para a trabalharem com a pintura, que foi o passo seguinte.

3.3 Na Pintura

Na pintura, os alunos puderam se expressar através das cores e das formas. Sendo assim, não foi objetivo das atividades transmitir ao aluno técnicas de pintura, pois sua condição biológica muitas vezes não o permitiria. Contudo, todas as atividades foram feitas de forma mais livre e isso foi relevante para que eles continuassem nas atividades por tanto tempo e com certa satisfação, como ocorrido. Infere-se que isso possa ter ocorrido devido à trajetória anterior de práticas que ajudaram o educando a construir seu conhecimento e suas relações com as atividades artísticas. Nesse sentido, segundo Pimentel (2013):

Conhecimento é uma construção e não uma aquisição. Supõe oportunidade de ter acesso à informação e supõe um movimento interno que torne significativa essa informação, para que possam ser tomadas decisões com base nos próprios pensamentos e na autonomia de vontade. (PIMENTEL, 2013,p.97).

Ressalta-se, ainda, que o tema “casa” permaneceu presente em todas as atividades, pois, acredita-se ter esse uma relação importante com a memória e com o momento presente do aluno, já que aquele lugar seria sua “nova casa” onde as relações estavam no presente sendo reinventadas. Em todas as oficinas, os alunos faziam as atividades, apreciavam a sua própria produção e estabeleciam conexões com suas memórias.

A lembrança da casa foi, portanto, uma espécie de linguagem (linguagem no sentido de expressão) que era comum a todos. Segundo Bosi (1994, p.56), "o instrumento decisivamente socializador da memória é linguagem. Ela reduz, unifica e aproxima, no mesmo espaço histórico e cultural, a imagem do sonho, a imagem lembrada e as imagens da vigília atual."

3.4 Dos desenhos à pintura

3.4.1 Apontamentos dos processos de alguns alunos

3.4.1.1 Aluno J.

Quando desenhou árvores e sapos de sua antiga casa, o idoso disse se lembrar de sua infância, trazendo de sua memória o coaxar dos sapos no quintal. Neste caso, no momento da produção do desenho, ele apreciava e fazia ligações com seu passado. Pode-se inferir, portanto, que o tempo de experimento trouxe para o aluno um desenvolvimento de suas percepções, conforme pode se observar na sequência de trabalhos do idoso constando dos primeiros traços de desenhos até às aulas de pintura (FIGURA 11):

Figura 11 - sequência de trabalhos aluno J.



Fonte: Dados da Pesquisa.

Legenda: Imagens 1, 2 e 3: Desenhos; Imagens 4 e 5: Pinturas sobre papel.

3.4.1.2 Aluna I.

Ao perceber o seu processo, com as suas figuras, a aluna I., cujos desenhos e pinturas são apontados na figura 12, deu um depoimento fazendo uma relação com suas memórias e sua história de vida, falando da importância de ser capaz de produzir algo por meio de suas lembranças. Segundo ela:

Quando pinto, me sinto feliz. Não gosto do roxo e nem do preto, me faz lembrar de minha mãe e de momentos tristes. Gosto das cores verdes, azuis e os vermelhos, eles dão mais aparência na pintura. Quando pinto, vejo no meu quadro cobras, montanhas, mar, árvores com raízes e as folhas. Então me emociono, penso como fui capaz de fazer uma coisa tão bonita em minha mente. Acho que foi Jesus que colocou na minha mente! (I. Moradora “Nossa Vivenda”).

Figura 12 – Trabalhos da aluna I.



Dados da Pesquisa.

Legenda: Imagem 1: Desenho; Imagem 2: monotipia; Imagem 3: pintura sobre papel; Imagem 4: Pintura sobre painel de madeira 50x45

Para Bosi (1994, p.55), “Na maior parte das vezes, lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar com imagens e ideias de hoje, as experiências do passado. A memória não é sonho. É trabalho”.

3.4.1.3 Aluna V.

Ao responder o questionário, a aluna V., sobre o seu processo criativo nas oficinas, disse que a atividade de arte melhorou o pensamento e permitiu que ela fizesse associação à memória/lembrança de infância, entendendo se tratar de um tipo de aprendizado. De acordo com suas respostas, portanto, traçou-se o seguinte perfil: Ela tinha 89 anos e era semialfabetizada. Para ela, ao ser

questionada sobre o que é arte, ela respondeu que: “Pintura é arte para mim”. Já a respeito do que a arte significava para ela, a idosa afirmou que a arte “Significa algo para melhorar o pensamento”.

Com relação às atividades realizadas, a aluna disse que participava das oficinas “para passar o tempo e para aprender alguma coisa diferente”. Por fim, ao rever os trabalhos produzidos por ela e ser questionada sobre qual o significado daquelas imagens para ela, V. colocou que não sabia responder o que significava, mas tinha certeza de que era “alguma coisa muito boa!”. A seguir (FIGURA 13), os desenhos executados pela idosa:

Figura 13 – Desenhos da idosa V.



Fonte: Dados da pesquisa

3.4.1.4 Aluna M.

A aluna M., em resposta ao questionário, após falar de seu trabalho, disse que se sentiu importante nas atividades de arte, afirmando que seus desenhos representavam “um desenvolvimento da sua mente”. Além das relações com memória, as aulas de arte também poderiam ter o sentido de construção do conhecimento. Segundo Pimentel (2013, p.34), “Conhecimento é uma construção e não uma aquisição.” A aluna tinha 78 anos, e possuía o Ensino Fundamental. Ao ser questionada sobre o que seria Arte para ela, a idosa respondeu que: “Arte para mim é pintura e combinação de cores”. Ela ainda afirmou que as artes realizadas por ela significavam, para ela, “felicidade e um desenvolvimento da minha mente”. Ela confirmou que participava das atividades “porque gosto e acho bonito o que eu faço, ganho vida e sinto-me importante. O trabalho que eu fiz foi uma arte.” A seguir, um dos desenhos da aluna (FIGURA 14):

Figura 14 - Desenho da aluna M.



Fonte: Dados da pesquisa.

Para Bosi (1994), lembrar, para o idoso, pode ser considerado trabalho ou algo que o aproxima de estar em atividade novamente, estar em aprendizado, e as atividades de artes podem ter trazido esse movimento para muitos deles.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho tratou de oficinas em Ensino de Artes Visuais em uma instituição para idoso, onde não havia um currículo de ensino definido, existindo a necessidade de se criar metodologias e adaptação dos conteúdos de ensino em consonância com as demandas específicas do grupo e do lugar.

Houve grande interesse dessa ILPI em ter algum tipo de atividade que pudesse promover a educação e a inserção cultural ao idoso. Portanto, essa proposta de pesquisar as atividades artísticas teve um papel de educação e de inserção às atividades culturais.

Para tornar possível a pesquisa foi necessário, além de pesquisar metodologias a serem aplicadas, também foi necessário conhecer o aluno idoso morador de ILPI e suas especificidades, entendendo quais eram as regras, a rotina das atividades dos idosos, pois as oficinas de arte não poderiam interferir em uma rotina que já existia.

Sendo assim, verificou-se também o melhor horário e o melhor lugar no espaço físico da instituição para que acontecessem as oficinas, porque muitos deles possuíam algum tipo de dificuldade motora. E qualquer falha ao pensar sobre isso poderia lhes causar desmotivação e, para tanto, foi significativa a colaboração de funcionários da instituição.

Quando os sujeitos da pesquisa fizeram referências às lembranças e às suas memórias, entende-se o que Bosi (1994, p.81) relata em seu livro. Para a autora, “Se existe uma memória voltada para a ação, feita de hábitos, e uma outra que simplesmente revive o passado, parece ser esta a dos velhos. Neste momento, portanto, acreditou-se que continuar trabalhando com aulas mais livres, promovendo meios para o exercitar da criatividade desse aluno, teria um bom resultado, o que foi feito.

O resultado dessa experiência apareceu após algum tempo das atividades percebendo-se que houve uma melhora na forma de lidar com as imagens ao redor. Percebeu-se que os idosos começaram a ter um aguçamento estético, apreciavam mais o lugar, percebiam o espaço físico em que viviam e muitas dessas observações foram transmitidas para os trabalhos durante as oficinas. Dessa forma, trabalhar com a inspiração do movimento da “Escola Nova” foi um ponto positivo do trabalho desenvolvido, pois foi importante a espontaneidade, e

a liberdade para criar, fazendo aqueles alunos voltarem a trabalhar com a imaginação.

Baseado em observações, a escolha de trabalhar com livre expressão foi um método que era favorecido, não somente pelo trabalho realizado fora do ambiente escolar, quanto com relação ao aluno ser diferenciado. Assim, o não impor uma técnica e nem um conteúdo específico para esse aluno favoreceu que ele se manifestasse através dos trabalhos artísticos, fazendo conexões com as suas memórias e vivências.

Todo período que essa pesquisa foi realizada, foi de grande valia para a vida profissional da pesquisadora, principalmente o contato com o conhecimento de Bosi (1994), em sua obra “Memória e Sociedade - Lembranças de Velhos”, por meio da qual faz refletir e dar continuidade ao tema memória, em meus trabalhos artísticos e como educadora .

Ressalta-se, ainda, a pretensão de dar continuidade a essa pesquisa por meio de outro trabalho neste mesmo local com oficinas para criação de vídeos e fotografias, acreditando ser importante, também, que haja desdobramentos de outras pesquisas que possam estimular o acesso às crianças e aos adolescentes das escolas da região à instituição, no intuito de promover trocas de conhecimento entre gerações, dando oportunidades aos idosos de transmitir seus conhecimentos e saberes.

Diante dessas observações e com base nos trabalhos vistos, percebe-se que, apesar das limitações físicas e cognitivas, todos os alunos, de alguma forma, conseguiram se manifestar por meio das atividades artísticas propostas, possibilitando, nesses alunos, a manifestação de suas memórias, suas angústias, suas alegrias, corroborado as palavras de Bosi (1994, p.55), quando afirma que “lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir , repensar com imagens e ideias de hoje.”

REFERÊNCIAS

- BARBOSA, Ana Mae. **Inquietações e Mudanças no Ensino da Arte**. 2.ed. São Paulo: Cortez, 2003.
- BEAUVOIR, Simone de. **A Velhice**. 2.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.
- BOSI, E. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. 3.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994. 484 p.
- BRASIL. **Decreto n. 1948**, de 03 de julho de 1996. Dispõe sobre a Política Nacional do Idoso, e dá outras providências. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/d1948.htm. Acesso em: 01 dez. 2015.
- BRASIL. **Estatuto do idoso**. 2003. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/l10.741.htm. Acesso em: 2 set. 2015.
- BRASIL. Ministério da Saúde. **Resolução nº 283, 26 de setembro de 2005**. Diretoria Colegiada da Agência Nacional de Vigilância Sanitária. Disponível em: http://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/anvisa/2005/res0283_26_09_2005.html. Acesso em: 01 dez. 2015.
- BRASIL. Ministério da Cultura. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais. **Escolinha de Arte do Brasil**. Brasília: MEC, 1982.
- DEBRET, Guita Grin. **A Reinvenção da Velhice: socialização e processos de reprivatização do envelhecimento**. São Paulo: Fapesp, 1999.
- FERRAZ, Maria Heloísa C. Toledo; FUSARI, Maria F. Rezende. **Metodologia do ensino de arte: fundamentos e proposições**. 2.ed. São Paulo: Cortez, 2009.
- FRANÇA, Júnia Lessa *et al.* **Manual para normalização de publicações técnico-científicas**. 8. ed. Belo Horizonte: UFMG, 2007.
- HOLANDA, Aurélio Buarque de. **Velhice**. Disponível em: <http://www.dicio.com.br/velhice/>. Acesso em: 8 dez. 2015.
- KASTENBAUM, Robert. **Velhice**. Anos de Plenitude. São Paulo: Ed. Harper e Row do Brasil, 1981.
- PIMENTEL, Lucia Gouvêa; MADURO, Clébio. **Monotipia e impressão**. v.2. Belo Horizonte: EBA/UFMG, 2007, p.43-57.
- PIMENTEL, Lucia Gouvêa. **Arte Educação: Uma Prática de Vida**. Belo Horizonte: Imprensa Universitária/UFMG, 1991.
- PIMENTEL, Lucia Gouvêa. Cognição Imaginativa. **Revista Pós**. V.3, n.6, Belo Horizonte: UFMG, p.96-104, Nov. 2013. Disponível em:

<http://www.eba.ufmg.br/revistapos/index.php/pos/article/view/118>. Acesso em: 06 nov. 2015.

SOUZA, Jaime Luiz Cunha. Idoso Institucionalizado: observações em um asilo público de Belém do Pará. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE SOCIOLOGIA, XI, 2003. Campinas: UNICAMP. **Anais...** Campinas, SP, 2003. Disponível em: [https://www.google.com.br/#q=\(+XI+CONGRESSO+BRASILEIRO+DE+SOCIOLOGIA+1+a+5+de+setembro+de+2003+-+UNICAMP+%E2%80%93Campinas%2C+SP+-+IDOSO+INSTACIONALIZADO:observa%C3%A7%C3%B5es+em+um+asilo+p%C3%BAblico+de+Bel%C3%A9m+do+Par%C3%A1%2C+autor++Jaime+Luiz+Cunha+de+Souza](https://www.google.com.br/#q=(+XI+CONGRESSO+BRASILEIRO+DE+SOCIOLOGIA+1+a+5+de+setembro+de+2003+-+UNICAMP+%E2%80%93Campinas%2C+SP+-+IDOSO+INSTACIONALIZADO:observa%C3%A7%C3%B5es+em+um+asilo+p%C3%BAblico+de+Bel%C3%A9m+do+Par%C3%A1%2C+autor++Jaime+Luiz+Cunha+de+Souza). Acesso: 20 jun.2015.

VALE, Rubinho do. **Cantigas de sabiá**. [s.d.]. Disponível em: <http://www.vagalume.com.br/rubinho-do-vale/cantigas-de-sabia.html>. Acesso em: 12 dez. 2015.

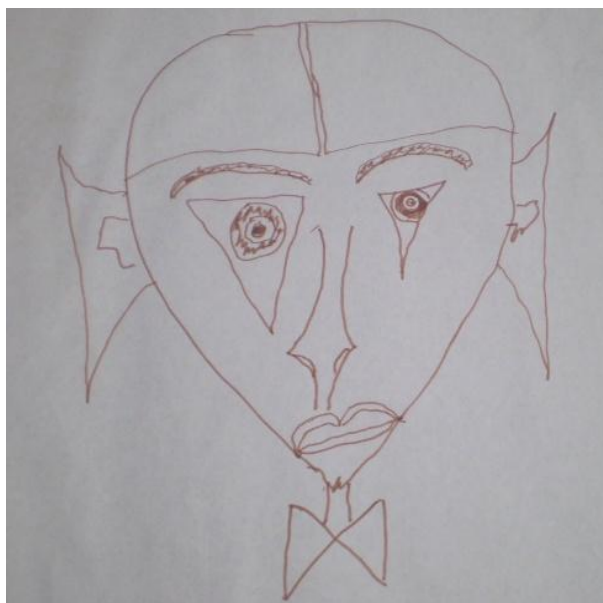
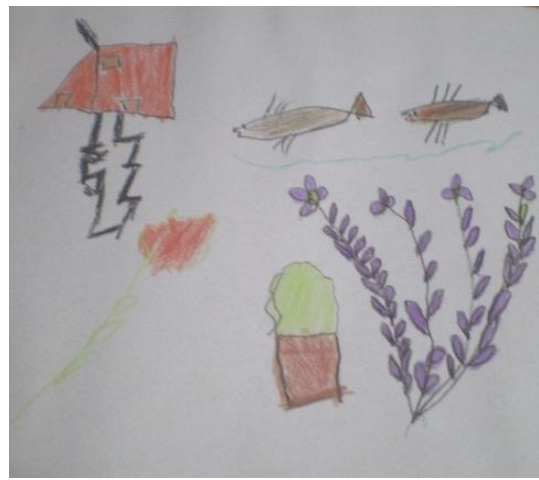
APÊNDICE 1 - Imagens

Oficinas



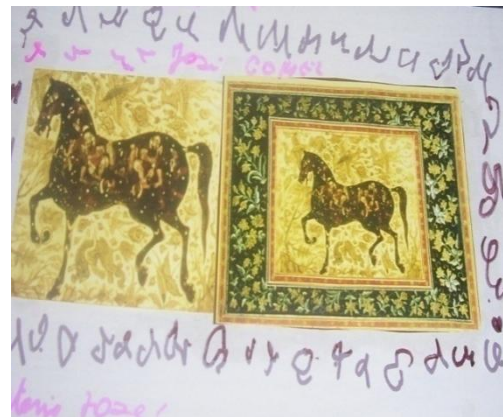
Desenhos



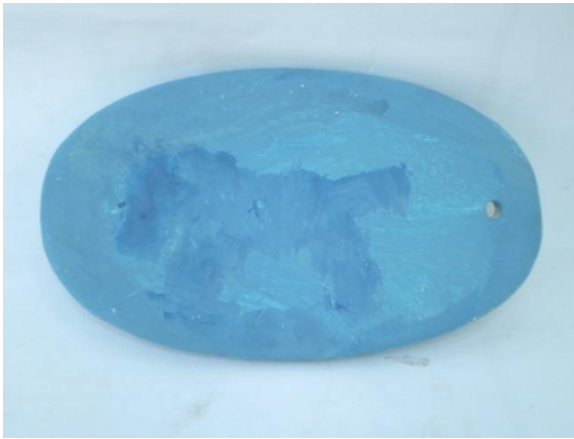




Colagens



Pinturas



Monotipias





Momentos de interação

